

ENTREVISTA¹



A Educação Matemática em Revista – RS apresenta nesta edição, a de número seis, entrevista com a professora Julia Hennemann, conhecida da comunidade de educadores matemáticos do RS pela sua atuação nos eventos realizados pela sociedade, pela coordenação de eventos regionais na região do Vale do Rio dos Sinos e principalmente pelo seu trabalho junto ao LAM – Laboratório de Educação Matemática da UNISINOS. A contribuição da professora para o estágio atual da educação matemática em nosso estado é inquestionável pela sua atuação na formação de professores de matemática, ou melhor de educadores matemáticos. Ao mesmo tempo em que consideramos valiosa sua contribuição com nossa revista através desta entrevista, consideramos justa a pequena homenagem de publicar algumas de suas idéias, colhidas numa agradável manhã junto ao ambiente no qual tem atuado por mais de vinte e cinco anos e no qual nos acolheu com a simplicidade, alegria e cordialidade de sempre. De imediato, nosso agradecimento à professora-educadora por sua carreira dedicada à causa de tornar a Matemática melhor tanto para os que a usam como profissão quanto para os que a utilizam como ferramenta, como podemos bem notar em suas entusiásticas palavras.

EMR- Professora, fale-nos um pouco sobre o seu percurso acadêmico.

Júlia – Ao concluir o curso de Magistério, de nível médio, e ao realizar o estágio supervisionado em 1964, comecei a lecionar no antigo primário, atualmente, séries iniciais do Ensino Fundamental. Em 1972 iniciei a Licenciatura em Matemática na UNISINOS tendo concluindo em 1977 quando de imediato fui contratada pela instituição onde atuo até os dias atuais, tendo em 1980 na mesma realizado a pós-graduação Especialização em Matemática. Nesta ocasião, já atuava na rede estadual de ensino e também na Escola Marista Pio XII, pois ao iniciar a Licenciatura fui solicitada a atuar mais especificamente em Ciências e Matemática na quarta série e posteriormente em Matemática nas demais séries. Hoje já não estou mais atuando em sala de aula de graduação. Fui responsável pelo LAM durante muitos anos, atualmente trabalho com educação continuada de professores em exercício, organização de eventos, grupos de pesquisas e estou atuando no projeto Rede Nacional de Formação Continuada de Professores de Educação Básica do MEC, aqui intitulado NUPE: Núcleo de Formação Continuada de Profissionais da Educação.

EMR- Em que momento a professora de

¹ Entrevista concedida pela professora Julia Hennemann ao editor da EMR-RS, professor José Carlos Pinto Leivas.

Matemática passou a preocupar-se com a formação do professor de Matemática, ou melhor ainda, a sentir-se uma educadora matemática?

Júlia – Quando atuando no magistério, ao preparar as aulas me perguntava: como vou ensinar? Saber os algoritmos eu sabia, mas como explicar e justificar aos alunos? Lembro de uma professora que me dizia: Júlia, você quer saber sempre para que serve cada um desses assuntos que estudamos, o porquê de cada um! As frações, por exemplo, me causavam uma enorme angústia, pois os alunos tinham muita dificuldade em compreendê-las. Nesta época participava dos eventos que começavam a aparecer bem como de grupos como o GEEMPA. Como professora do Pio XII organizamos um grupo de estudos para compreender o material didático trazido da França pelo diretor da escola, bem como adequá-los para uso com os alunos. Isto aconteceu por volta de 1973 caracterizando o que na atualidade chamamos de laboratórios de matemática. Quando assumi a prática de ensino na UNISINOS, eu e a professora Elsa Ledur, que já trabalhava na área, percebíamos nos alunos da Licenciatura a necessidade de encontrar significado ao que aprendiam nas disciplinas do currículo, constituímos então grupos de estudos. Daí à formação do LAM foi um passo, concretizando-se em 1984. Na reforma do Curso de Matemática da instituição em 1985 já constava no quadro do curso a disciplina de Laboratório de Matemática.

EMR – No seu entender como se procedeu a passagem do dito professor de Matemática ao atual educador matemático aqui no RS?

Júlia – Na década de 70 já havia movimentos de educação matemática e durante o segundo Encontro Nacional de Educação Matemática (1988), em Maringá, um grupo de professores gaúchos lá presentes pensaram em formalizar este movimento no RS, pois já estava em amplo desenvolvimento em Passo Fundo com a professora Maria Krussius, em Porto Alegre com a

professora Ester Grossi no GEEMPA, dentre outros. Como já havia encontros ou jornadas de Matemática aqui no RS, promovidos pela AESUFOP, foi realizado o I EGEM (1989), Encontro Gaúcho de Educação Matemática, na UNISINOS, coordenado pelos professores Cassol e Maria Cecília. Este movimento foi crescendo a cada momento, chegando ao estágio em que nos encontramos hoje, quando no ano próximo acontecerá o IX EGEM, em Caxias do Sul, sempre acontecendo em uma cidade diferente do RS.

EMR – Hoje acompanhando estagiários nas diversas regiões nos defrontamos com uma realidade, em minha opinião, assustadora quanto aos rumos da escola. Qual sua percepção a respeito?

Júlia – Quando começamos a desenvolver trabalhos de ação continuada com professores víamos a necessidade do professor elaborar atividades e materiais didáticos adequados às suas necessidades e realidade. O importante de acompanhar estagiários na região é que o supervisor tem uma visão bem ampla do que ocorre nos diversos municípios em que visita estagiários. Isto permite que a academia possa acompanhar a realidade em que o futuro professor irá atuar, não permanecendo fechada, se renovando e se aperfeiçoando para que possa atender às reais necessidades dos licenciandos. Torna-se necessário abrir espaço para que acadêmicos e professores criem atividades que melhor se adaptem ao próprio convívio. O universo da educação é muito amplo, há muito material e recursos, há insegurança do aluno e do professor em utilizá-los, daí porque julgo da maior importância a formação de grupos de estudos, onde atuo desde 1986. Acredito que trabalhar com o professor, em ação continuada, no seu próprio local de trabalho é bem mais produtivo do que trazê-lo para a academia. Lembro que em certo momento criamos um projeto em Montenegro aonde eu ia mensalmente trabalhar com os professores, algo que foi muito gratificante. Reforço a importância de que depois deste trabalho é importante ocorrer a

reflexão na academia.

EMR- A parte pedagógica, em particular a didática e a psicologia cognitiva estão preparando o futuro professor para tratar com a realidade que irá enfrentar, principalmente na rede pública, onde família, parentes, conselhos e tantos outros órgãos estão a interferir na atuação do professor?

Júlia – A Matemática contribui ou deve contribuir para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos tornando-os acima de tudo mais felizes. Penso que não podemos fugir do conhecimento formal, construído pela humanidade, devemos com certeza proporcionar aos alunos a oportunidade de lidar com o técnico-científico, de modo que não fique estacionado ou que vislumbre apenas um pequeno mundinho. A Matemática deve abrir os horizontes para que o aluno perceba outras possibilidades de vida. O professor da escola básica deve se preocupar em dar significado aos conteúdos matemáticos e para tal deve ter o conhecimento para poder desenvolver habilidades intelectuais, fazer pensar sobre os campos de possibilidades e não somente ter a Matemática como ferramenta, embora precise se apropriar dessa ferramenta. Noto hoje uma falta de preocupação com o social, com as relações dentro da escola e com a família e a escola juntamente com a Matemática não tem atrativo para o estudante. Penso que o fato de eu ter estado atuando como professora durante minha graduação me favoreceu e me permitiu usufruir tudo que vivenciava, pois eu via o que ocorria na escola e podia discutir na Universidade. Fiz uma licenciatura porque queria fazê-lo – queria ser professora. Pensava, se sei este conteúdo, como vou fazer com que meus alunos aprendam? Meus dezessete anos de atuação numa escola marista foi uma grande aprendizagem. Descobrir como agir a cada nova situação apresentada foi uma excelente escola.

EMR- E qual a sua compreensão sobre a Matemática nos cursos de formação de professores de Matemática atualmente?

Júlia – Vejo que não há outra maneira de conseguir uma boa formação a não ser que o grupo de professores que atua nessa formação trabalhe em equipe e seja comprometido com o profissional a ser formado. O professor necessita ter tempo para formar equipes ou grupos de reflexão. A licenciatura deve deixar muito claro o papel do professor como conhecedor da realidade escolar. A formação de um professor não se dá apenas em algumas disciplinas, ela se dá ao longo de toda a concepção pedagógica do curso. Obviamente que é importante o conhecimento matemático juntamente com a formação pedagógica, pois o acadêmico se espelha nos aspectos relevantes de cada professor que tem na sua formação. Incluo aqui a questão da avaliação que se não for praticada pela equipe não fornece um bom embasamento prático para o graduando. Esta é uma das questões mais críticas que vejo no processo, em especial na formação básica: avaliar para concursos é uma questão e avaliar para verificar a aprendizagem, se houve ou não crescimento, é outra coisa. Este crescimento é tanto em habilidades, atitudes e conhecimento. Quais habilidades se devem desenvolver no educando? Estas não são transmitidas, são desenvolvidas de mãos dadas com o domínio do científico. A matemática do dia-a-dia é importante, mas não é tudo na vida do cidadão. Ele necessita sim do conhecimento científico, mas também precisa ter uma visão do mundo e de outros mundos além do dele. Não só o dia-a-dia é importante nesta visão mais ampla.

EMR- Como você vê a Matemática e seu ensino na escola atual onde a figura do professor já não mais inspira o mesmo respeito e admiração?

Júlia – Os problemas sociais chegaram e estão chegando na escola: a violência dentro e fora da escola, a desvalorização do professor pela sociedade são algumas questões que aparecem na escola básica e estão chegando à Universidade. O professor deve buscar o seu lugar na sociedade,

se impor, dar-se respeito para que os outros setores o respeitem. Não vamos falar em escola para todos e sim escolaridade para todos – dar conhecimento para todos. A escola deve ser o lugar onde o cidadão deve ir buscar o conhecimento adquirido pela humanidade ao longo de sua história, para ser colocado à serviço do homem e do coletivo.

EMR- Qual sua visão sobre as modernizações no ensino da Matemática tendo na contramão as famílias dos alunos, muitas delas não apoiando o professor, outras não aceitando as inovações e muitas mais indiferentes?

Júlia – Falta imagem do que é aprendizagem e o que é escola, como por exemplo, no uso da calculadora deve-se trabalhar previamente com os pais. O jogo é outra questão a ser discutida, pois não é ele quem ensina matemática. A exploração do jogo, as relações que são feitas utilizando o jogo como um trabalho sério é que conduz a resultados positivos. O professor deve estar convencido e acreditar que essa metodologia é importante e que o aluno aprende com ele. A metodologia utilizada deve fazer parte da crença do professor a fim de que possa ser alcançado resultado satisfatório. Ao trabalhar com materiais estes devem ser bem explorados, pois é isto que vai fazer com que o aluno aprenda. É o tipo de pensamento utilizado para explorar o material – a ação reflexiva e a reflexão sobre a ação com o uso do material que irão produzir frutos. O próprio lápis e papel como recurso didático pode ser tão rico como as questões do cotidiano.

EMR- Nos cursos de formação de professores atualmente é dada ênfase à história da Matemática, às matemáticas sociais e à resolução de problemas. Como você percebe esta formação e a atuação desses novos profissionais quando ingressam no mercado de trabalho?

Júlia – Percebo que os cursos de licenciatura se preocupam demasiadamente com o tipo ideal de escola e deixam de lado o real. Se na formação

dos futuros professores a equipe tivesse em conta a escola real existente e se envolvesse mais diretamente com o tipo de profissional a colocar em atuação no mercado de trabalho, com certeza os resultados seriam melhores, menos dolorosos para os iniciantes.

EMR- Ao encerrar registramos a aprendizagem e o prazer que tivemos ao realizar esta entrevista com a professora Júlia pelo seu dinamismo, seu entusiasmo em falar de educação e de matemática, as inúmeras possibilidades apontadas e que não foram registradas. A jovialidade da professora, disposta a utilizar-se do antigo e a enfrentar o novo, a aprender e a ensinar, a trocar experiências e a propor novos caminhos é algo que gostaria que todo jovem e não tão jovem professor pudesse ter tido o privilégio de ter vivenciado, mostrando que não é com o passar dos anos que enfraquecemos e sim nos fortalecemos. Professora, parabéns pela sua história profissional e os agradecimentos da Educação Matemática em Revista – RS.